



Tema:  
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO  
NA UNIMEP"**



## 11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

### AMOR - AUTOR: EL CID

Autor(es)

---

ELDER LUIZ DE SANTIS

Contos / Cricas

---

AMOR

Autor: El Cid

Tinha ele 7 ou 8 anos quando tudo aconteceu. Era uma madrugada qualquer e o silêncio guardava o coração de todos. Dividia o quarto com seu irmão mais velho, que era quem detinha o poder: o interruptor pingente, em formato de pês, que acendia a luz amarelada e também pingente, que vazava do forro de madeira pintado de verde oliva, escolhido pela mãe deles; nas madeiras, havia fendas, causadas pelo tempo, pelas quais caíam a poeira acumulada sob as telhas. Para acender a luz, teria que se debruçar sobre o irmão e correr o risco de ser brutalmente empurrado e a luz imediatamente apagada, para não atrapalhar o sono do príncipe. O problema se reduzia, pois os pais deixavam uma luz tênue no corredor de circulação, que separava a cozinha da sala.

Era um casarão antigo, uma construção do início do século XX, com mosaicos decorados e assoalho de madeira nos quartos. Era ele quem ajudava a mãe na faxina semanal da casa e conhecia cada centímetro quadrado daquele chão. O pânico estava nos cantos do quarto, pois havia pequenos buracos no assoalho. Como sua imaginação sempre foi muito fértil, monstros perigosíssimos saíam por aqueles buracos gigantescos e amedrontadores, que ficavam sob a cabeceira de sua cama. Certa vez, quando seu pai adquirira a coleção "Trópicos", encantou-se com a descrição das serpentes, no volume verde da obra. Naquela noite, entregou-se ao sono no chão cuidando para que nenhum réptil saísse por aquelas grunas. Depois, nos dias seguintes, antes de se deitar, conferia se não havia nada sob a sua cama que pudesse ter saído daquela fenda maldita.

Mas naquela noite aconteceu. Acordara com dores no baixo ventre e um ardor intenso na uretra. Estava sonhando com água, correntezas, cachoeiras e algo estava por acontecer. Se fizesse xixi na cama, naquela idade, seria a chacota dos três irmãos mais velhos e não precisava de mais isso como aborrecimento para sua infância, já um pouco conturbada. Sonado, com olhos entreabertos, não ousou acender as luzes do quarto, mas não seria difícil chegar ao banheiro, em construção improvisada na antiga despensa, perto da cozinha.

Assim que saiu do quarto, deu de cara com aquela outra espécie de monstro às vezes divide nosso espaço, outras vezes é hóspede. Estavam ambos no hall, cara a cara, frente a frente. Difícil era saber quem estava mais apavorado, se o morador ou se o clandestino. Segundos eternos de fitação. O outro, mais rápido que a criança e carregado pelas suas quatro patas, tal qual um artilheiro que pega a bola, atravessa o campo e faz o gol, deu a arrancada, passou por ele, fez um drible, virou a esquerda e entrou... no quarto do garoto.

Sim, o perigo existia. Alguma coisa morava sob o assoalho e o acesso ao mundo era sob sua cama. Tinha visto um, mas quantos camundongos haveria naquele submundo? Enquanto dormia, que festa esses seres faziam pela casa? Encontrara um no caminho do banheiro, haveria outros andando pela casa? Para onde ir naquela hora da noite? Para quem pedir ajuda? Como chegar ao banheiro e não mijar nas calças?

Correu, acendeu as luzes da copa, cozinha, banheiro. Subiu de cócoras na privada para urinar em segurança. O xixi acabou, tinha que voltar ao chão, tinha que voltar ao quarto, tinha que voltar a dormir. Conhecia seus pais. Na sua análise de mundo, jamais seria compreendido se acordasse um deles no meio da noite por ter medo de... camundongos. O medo, o susto, o desamparo. Abra a

boca pra eu ver seus dentes? Proft!! E sua boca estava entupida com os grânulos secos de fezes de cavalo, pelas mãos do Zeca. Os demais garotos riam. Sentia entre os dentes os restos do capim seco, que aumentava em sua boca à medida que tentava expeli-los. Esforçava-se para não chorar. Olha o pinto dele, é mais pequeno que o do Toninho. Pai, ele tava apanhando de um menino mais novo que ele...

Não. Em sua vida já passara humilhação demais. Homem que é homem não chora. Homem que é homem não tem medo. Homem que é homem mata ratos. Sempre a mesma chantagem: homem que é homem não.... não.... não..... e já havia a dúvida: aos 8 ou 9 anos, alguém já é homem? Precisava de um adulto perto de si, uma mãe que o afagasse, que entendesse seus soluços. Um pai que lhe amparasse, que lhe oferecesse segurança, que entendesse suas angústias e limitações próprias da idade e que, principalmente, tapasse os buracos sob sua cama para a criança voltar a sonhar à noite.

Tinha que resolver a situação, em silêncio. O grande problema eram as gretas sob sua cama, era o assoalho carcomido... Mosaicos não tinham buracos sob si... no mais fundo do seu ser, juntou a mais profunda coragem e... foi tentar dormir no sofá da sala, com seus olhinhos sempre voltados para o hall de onde poderiam surgir os monstros.. Por uma noite o problema tinha sido resolvido, mas nas noites que se sucederam... naquela noite, sua companhia eram os bambis de pelúcia que decoravam a sala...o silêncio que antes guardava o coração de todos agora o amedrontava...

Tinha ele então mais de 40 anos. Era uma tarde quente de final de ano, daquelas em que o ar parece faltar. Estava no trabalho, passou mal... pediu para ir para casa .... não era mais aquela cidade, não era mais aquela casa. No lugar dos mosaicos com formas geométricas, piso cerâmico... porém, mantinha-se o assoalho nos quartos e o banheiro adaptado, depois da cozinha... entrou, foi recebido com surpresa pela companheira de décadas. Esperava dela um sorriso, uma expressão de que bom que você chegou antes que bom que você está aqui agora mas não foi o que viu. Não foi o que sentiu. Estava intruso no local.

Foi ao banheiro e de lá ouviu a campainha. Ouviu vozes. Chegara alguém. Homem. Quem? Horário comercial. Quinta-feira. Meio da tarde... Saiu e foi ver... era um amigo dela que chegara no meio da tarde... Por que ele não sabia daquela visita? Por que a cara do que você faz aqui dela? Como sair dali? Como sair daí e passar por eles? E ele lá, saindo do banheiro e em segundos episódios da infância foram remexidos, revividos, re-sentidos... A pêra inacessível... gretas, não no assoalho, mas na alma... o gosto do estrume novamente na boca... o menosprezo dos amigos... a ausência real dos pais...

Tinha que enfrentar aquele monstro que desta vez crescera dentro de si. Por que não fora avisado da visita??? Dessa vez o camundongo não saíra em disparada nem voltaria para a escuridão do assoalho; estava lá, parado, sorrindo. Parecia que era esperado para alguma coisa, uma conversa talvez. Parecia que havia um assunto a ser continuado... Era ele quem queria sair em disparada. Era ele quem não deveria estar lá. Quinta-feira. Horário comercial. Por quê? Era Homem, que chorava. Homem, que tinha medo. Homem, que não matava ratos. Homem, que corria na frente dos ratos (e dos camundongos...). Já não sabia mais o que era. Já não sabia mais o que queria ser. Poderia ser a primeira vez, uma infeliz coincidência.... sim, era isso... muitos anos no casarão velho e apenas uma vez encontrara um camundongo na madrugada, que o apavorou por muitos anos.... seus pais dormiam no quarto ao lado, não poderia acordá-los porque na sua análise de mundo.... se ele não saísse mais cedo do trabalho e não fosse para casa mais cedo, seria informado daquela? Qual dos dois chegara sem avisar? Quantas vezes aquele ser perigoso passara pelas grunas e estava clandestino em sua casa? Ela, com toda sua retidão de caráter, pensava, achava, sentia o quê? Ignorava que ela estava sendo ferida pela sua interpretação das aparências, ignorava que a análise dos fatos do mundo adulto é feita com base em outros pressupostos...

Tinha que resolver a situação, em silêncio. A inteligência é a capacidade de resolver problemas. Não conseguira permanecer no lugar do perigo; saíra não para a sala que não tinha assoalho, que não tinha bambis... O sol de fim de primavera ardia no asfalto, o sal das lágrimas ardia em seus olhos, a cena presenciada ardia em seus pensamentos. Pegara o carro e saíra pela cidade em busca de um local seguro, onde pudesse se esconder. O camundongo voltou para a escuridão sob o assoalho, o rapaz estava lá, na sala. A companheira atônita com a reação irracional dele. Onde seria o lugar seguro que procurara? Dirigia pela cidade, sem destino, em círculos, em busca de um perigo real. Em busca de uma solução. Mas qual era o problema que deveria ser solucionado? Onde estaria a inteligência de que precisara? Queria ser o camundongo. Queria um furo no assoalho onde pudesse entrar. Como não encontrou um furo que pudesse se esconder, criou um.

Uma vez se deparou com uma ameaça quando ia ao banheiro... que entrou em seu quarto e passou a habitar o submundo que havia sob sua cama, cujo acesso seu pai nunca consertara... Uma vez se deparou com uma ameaça quando saía do banheiro... que entrou em sua cabeça e passou a habitar o submundo que se criou na sua mente, cujo acesso nem seu pai, nem outra pessoa poderia fechar, a não ser ele próprio. Como? Quando?

O carro. O calor. O sal. O sol. O camundongo. A visita.

A visita. Sempre fora apaixonado pela mulher, abrira mão de viagens, amigos, trabalho, tudo por ela, para ela e pelos filhos. O que teria acontecido nesses anos todos que não percebera mudanças na dinâmica do casal? Que tipo de cegueira era aquela, uma cegueira

---

branca que o impedira de ver, de perceber algo errado na sua vida? O que teria ele feito de errado? Ele sabia. Não aprendera a amar. Amava, mas amava para dentro, para ele. Como uma noite nublada em que a lua brilha sobre os cúmulos ou nimbus mas não é vista na Terra. O luar existe mas não encanta. O luar existe mas o poeta não canta. Sim. Fizera isso com a vida. Fizera isso com a vida de ambos. Ele existia mas não encantava mais.

Ele estava lá. O amigo. Será que ele sabia falar “eu te amo” bem baixinho no ouvido de uma mulher? Certamente sim. Por que não estava trabalhando naquela tarde? Como ele conseguia ter tempo para visitas em meio da semana? Nunca conseguira isso. Sempre trabalhara de segunda a sexta. Sua vida era assim, de porão em porão, como a do camundongo. De uma atividade a outra. Fugira no trabalho. Fugia de si. De sua mulher de seus filhos de sua incapacidade de amar. De tantos anos calado, emudecera de vez. Um rato se espreme por frestas, invade nossa casa e nos rouba sobras. Ou nos rouba um bem que não usamos ou cuidamos mal ou abandonamos.

Ele tinha feito isso. Cuidara mal da sua vida. Fizera tudo errado. O tempo passou e não percebera. Sentia o gosto de estrume seco na boca. Cuspiu. A saliva rolou na terra, fez uma bola que logo se desmanchou. Já estava escurecendo, tinha que tomar uma atitude. Não podia ficar na rua. Era tarde e certamente a visita já terminara. Fora tomado por um ciúme tardio. Fora tomado por uma consciência tardia.

Amava aquela mulher. Mas será que ela sabia? Será que ela ainda acreditaria? O homem cresce. O camundongo se multiplica. O homem amadurece. O homem pode impedir a multiplicação dos camundongos. Enxugara os olhos. Voltara para casa. Tinha contas a acertar com sua mulher. Aquela visita no meio da tarde mudara sua vida. Chamou-a, que apareceu também com a expressão antes doce e agora tensionada. Percebera que algo acontecera ou aconteceria.

Ele foi direto para perto dela, olhou-a nos olhos e disse:

- Eu te amo. Você me perdoa pelo abandono desses anos todos?

- Eu...